

EDITORA



UnB

INTERFACES EM PSICANÁLISE

Subjetivações e Cultura

Daniela Scheinkman
Márcia Cristina Maesso
Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato
Ana Giulia de Araújo Conte
Aline Vidal Varela
Muriel Romeiro da Costa e Silva
Alessandra Carvalho Vieira da Silva
Jéssica Nayara Cruz Pedrosa
Igo Gabriel dos Santos Ribeiro
Fabrício Gonçalves Ferreira

(organizadores)



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira
Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

EDITORA



UnB

INTERFACES EM PSICANÁLISE

Subjetivações e Cultura

Daniela Scheinkman

Márcia Cristina Maesso

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato

Ana Giulia de Araújo Conte

Aline Vidal Varela

Muriel Romeiro da Costa e Silva

Alessandra Carvalho Vieira da Silva

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa

Igo Gabriel dos Santos Ribeiro

Fabício Gonçalves Ferreira

(organizadores)



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral : Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial : Percio Savio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão : Denise Pimenta de Oliveira
Coordenação de design : Cláudia Barbosa Dias
Revisão : Lara Andressa da Silva Carvalho
Diagramação : Lislayne de Oliveira Gonçalves

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

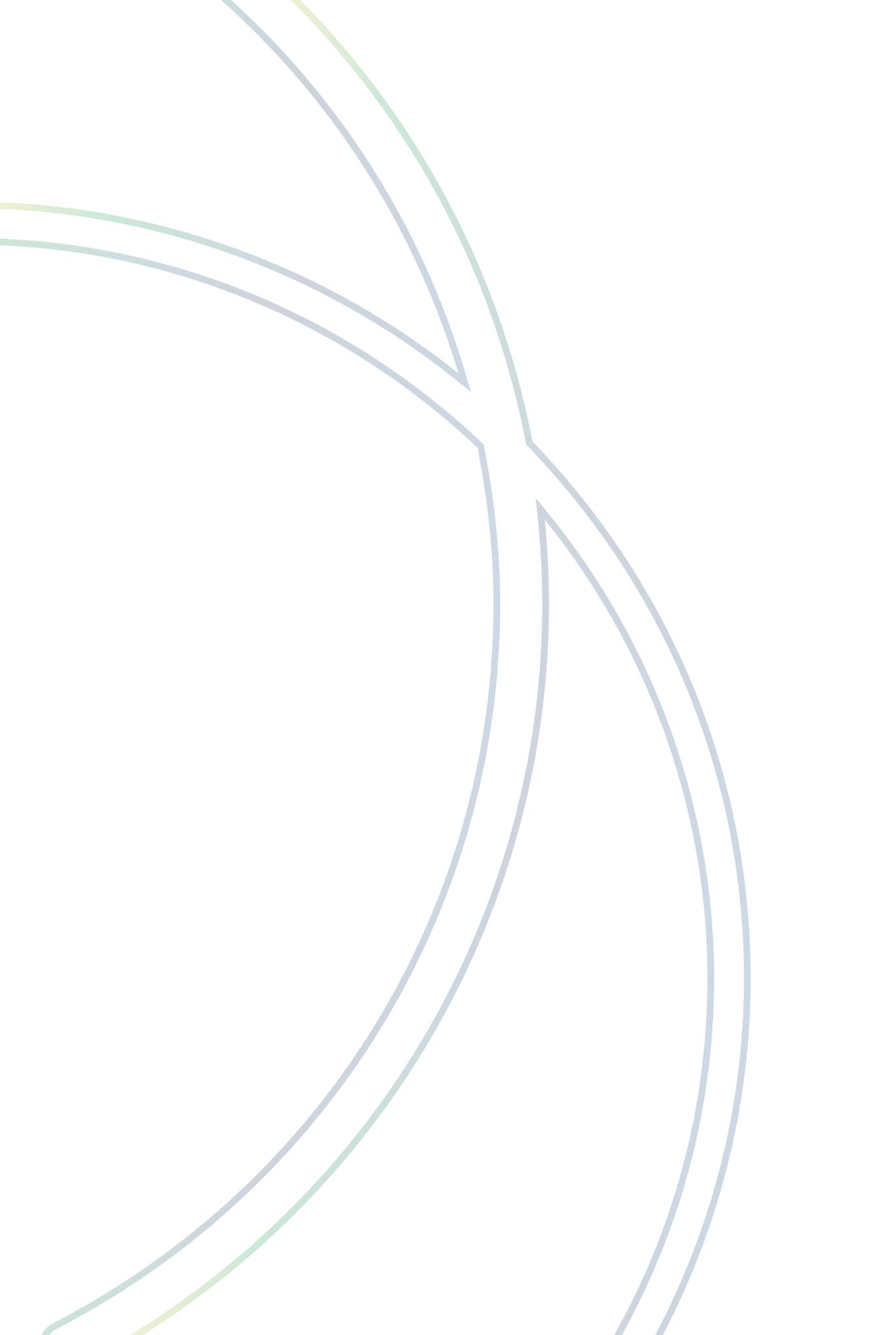
I61 Interfaces em psicanálise [recurso eletrônico] :
 subjetivações e cultura / (organizadores)
 Daniela Scheinkman ... [et al.]. – Brasília :
 Editora Universidade de Brasília, 2024.
 218 p. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-067-1.

1. Psicanálise. 2. Cultura. I. Scheinkman,
Daniela (org.). II. Série.

CDU 159.964.2

Agradecemos à FAP-DF e ao CNPq pela parceria e incentivo à cultura e aos projetos acadêmicos.



Sumário

Apresentação 11

Prefácio 13

Miriam Debieux Rosa

Parte I

Psicanálise e parentalidade

Psicanálise e maternidade 21

Aline Vidal Varela, Ana Isabel Pereira, Cintia da Silva Lobato Borges, Daniela Scheinkman e Ingrid Mello Pereira Soti

Parentalidade contemporânea 33

Vanessa Correa Bacelo Scheunemann

Parte II

Psicanálise e relações raciais

Cabelo crespo e pele escura 47

Melissa Souza Silva, Lara Gabriella Alves dos Santos, Vítor Luiz Neto, Elzilaine Domingues Mendes e Márcia Cristina Maesso

Violência, trauma e memória 57

Joyce Avelar, Igo Gabriel dos Santos Ribeiro e Fabrício Gonçalves Ferreira

O racismo estrutural na transmissão psíquica 69

Alessandra Carvalho Vieira da Silva e Eduardo Portela

Parte III

Psicanálise, arte, literatura e cultura

Maternidade: única saída para a feminilidade? 83

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa e Isadora Fane Carvalho e Silva Lustosa

Considerações sobre a criação 93

Antonio Trevisan, Ana Giulia de Araújo Conte, Roberto Medina, Márcia Cristina Maesso e Valéria Brisolara

A escrita de si freudiana 101

Valéria Machado Rilho, Laene Pedro Gama e Daniela Scheinkman

Um outro com quem contar 111

Guilherme Henderson

Parte IV

Psicanálise e trabalho feminino

Trabalho doméstico 123

Alexandre Rezende, Carla Antloga, Fabrício Gonçalves Ferreira e Hugo Martins

Parte V

Psicanálise extramuros/ políticas públicas

Cuidapsi e o tratamento das narrativas pandêmicas 137

Alvinan Magno Catão, Eliana Rigotto Lazzarini, Muriel Romeiro da Costa e Silva e Nelson de Abreu Jr (*in memoriam*)

O psicanalista nos contextos públicos 149

Samuel Ted Almeida de Pereira, Amanda Soares Dias e Márcia Cristina Maesso

Até o osso 159

Fernanda Guerra Roman Náufel do Amaral e Juliano Moreira Lagoas

Parentalidade e saúde pública 173

Ingrid Fernandes dos Santos e Katia Cristina Tarouquella Rodrigues Brasil

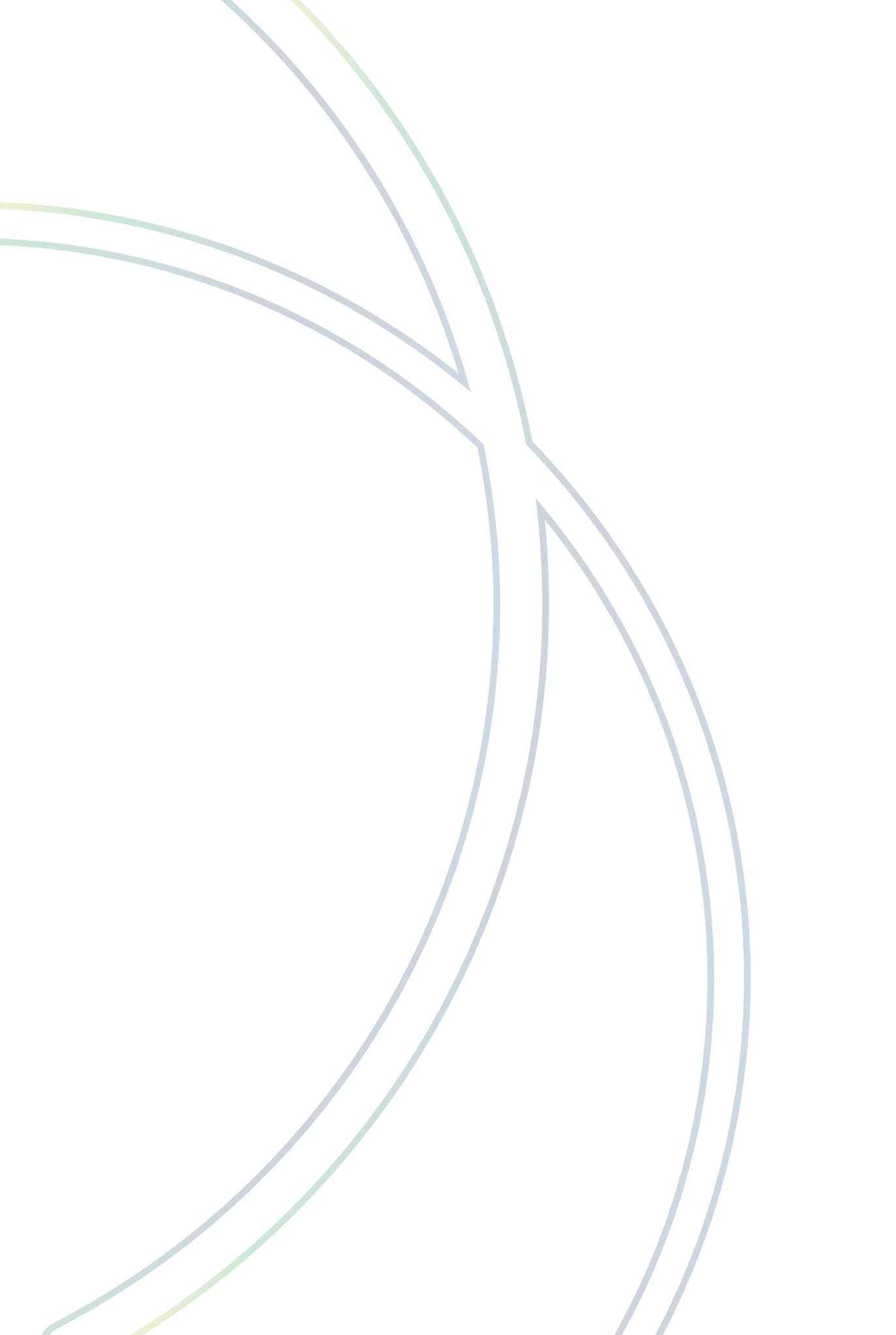
A clínica psicanalítica com o sujeito em condição de rua durante a pandemia 187

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato, Daniela Scheinkman, Eduardo Portela,
Eduardo Ribeiro Vasconcelos e Patrícia da Cunha Pacheco

Freud e os primeiros trabalhos para uma nova psicopatologia 199

Renato Palma, Marco Antonio Coutinho Jorge e Jean-Michel Vivès

Sobre os autores e organizadores 211



Apresentação



A Psicanálise, criada por Sigmund Freud, surge como uma nova modalidade de discurso que Jacques Lacan vai conceber, em sua retomada freudiana, como laço social, que corresponde, então, a uma práxis original, na medida em que inaugura uma subversão no modo de saber, no modo de intervir na clínica e nas relações estabelecidas tradicionalmente no discurso da ciência e no campo social. Assim, o propósito deste livro é investigar as demandas contemporâneas que exigem da psicologia e da Psicanálise novos dispositivos metodológicos que não aqueles da clínica tradicional, de modo a avançar nas pesquisas e construir algumas possibilidades de interlocução pautadas na interdisciplinaridade de saberes acompanhando as mudanças sócio-histórico-culturais.

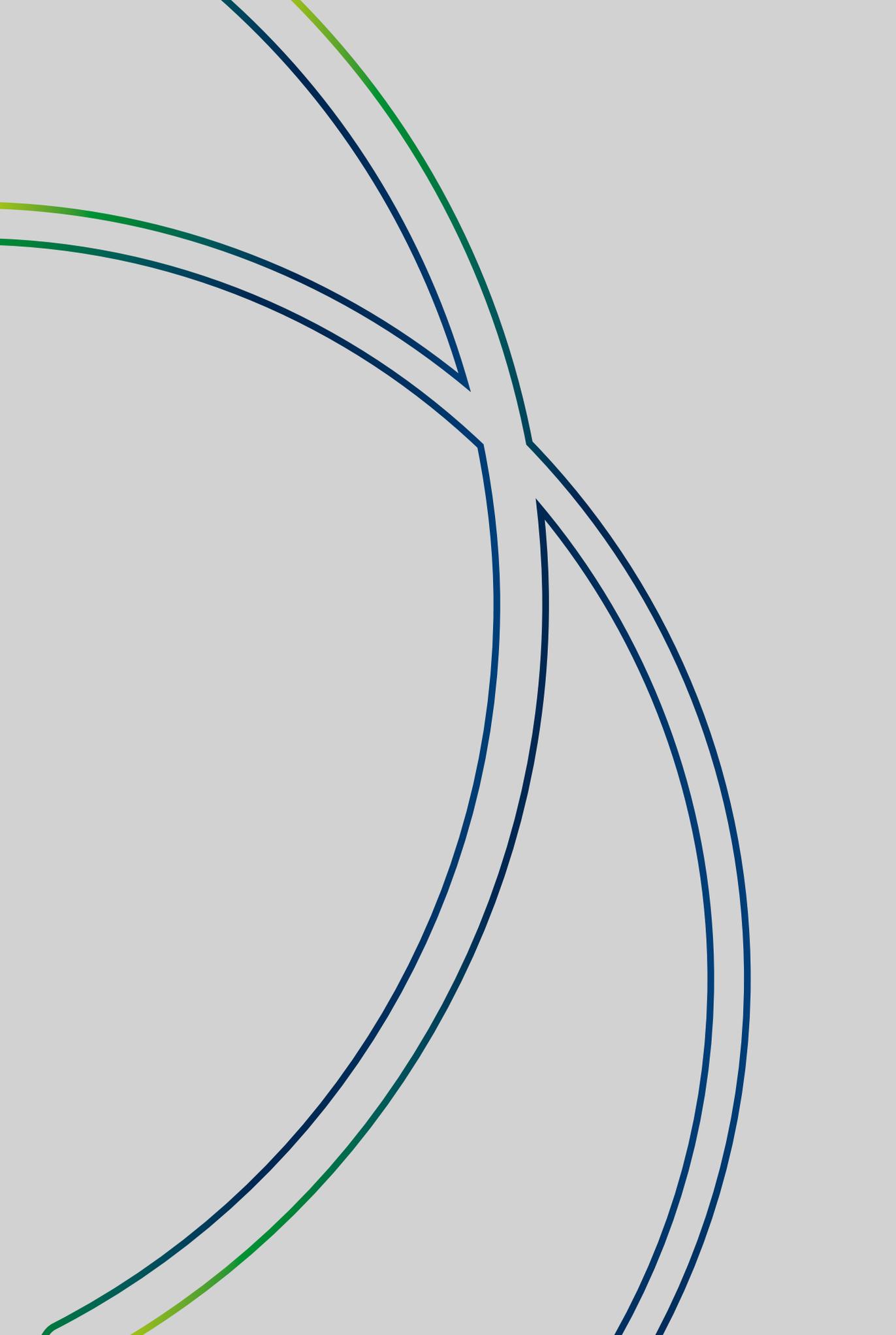
O livro origina-se do Laboratório de Psicanálise e Subjetivação (Lapsus), inserido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Diante das inquietações teórico-clínicas, surge nosso desejo de aprofundar, numa dimensão sociopolítica, na leitura psicanalítica contemporânea do sofrimento psíquico. O discurso analítico toma a linguagem como possibilidade de construção de novas narrativas e tem como compromisso ético-político transmitir e promover debates sobre o mal-estar na atualidade.

A escolha do tema é a busca pela inovação e pela interface da Psicanálise com outros campos de saber para construir uma abordagem conjunta de intervenção sobre o sofrimento psíquico na contemporaneidade. Pretendemos contribuir, assim, para a atualização, a disseminação e a divulgação de pesquisas da Psicanálise no campo científico, consolidando a formação de parcerias internas e externas à Universidade de Brasília. Para isso, trabalharemos com alguns subtemas divididos nos seguintes eixos:

1. no eixo “Psicanálise e parentalidade”, abordamos a elaboração psíquica da assunção à função parental, bordejando estratégias dadas pelas mulheres, uma a uma, frente à maternidade, além de costurar a concepção da parentalidade à clínica psicanalítica;
2. no eixo “Psicanálise e relações raciais”, propomos pesquisas sobre o sofrimento sociopolítico e suas consequências para a subjetividade dos sujeitos negros;
3. no eixo temático “Psicanálise, arte, literatura e cultura”, trabalhamos a interface entre Psicanálise e arte, pensando a arte estruturada como uma linguagem do inconsciente, este, por sua vez, também estruturado como uma linguagem;
4. no eixo “Psicanálise e trabalho feminino”, buscamos promover reflexões referentes à associação da subjetividade com as relações de gênero e trabalho, além de construir paradigmas que repensem as relações de trabalho e feminilidade;

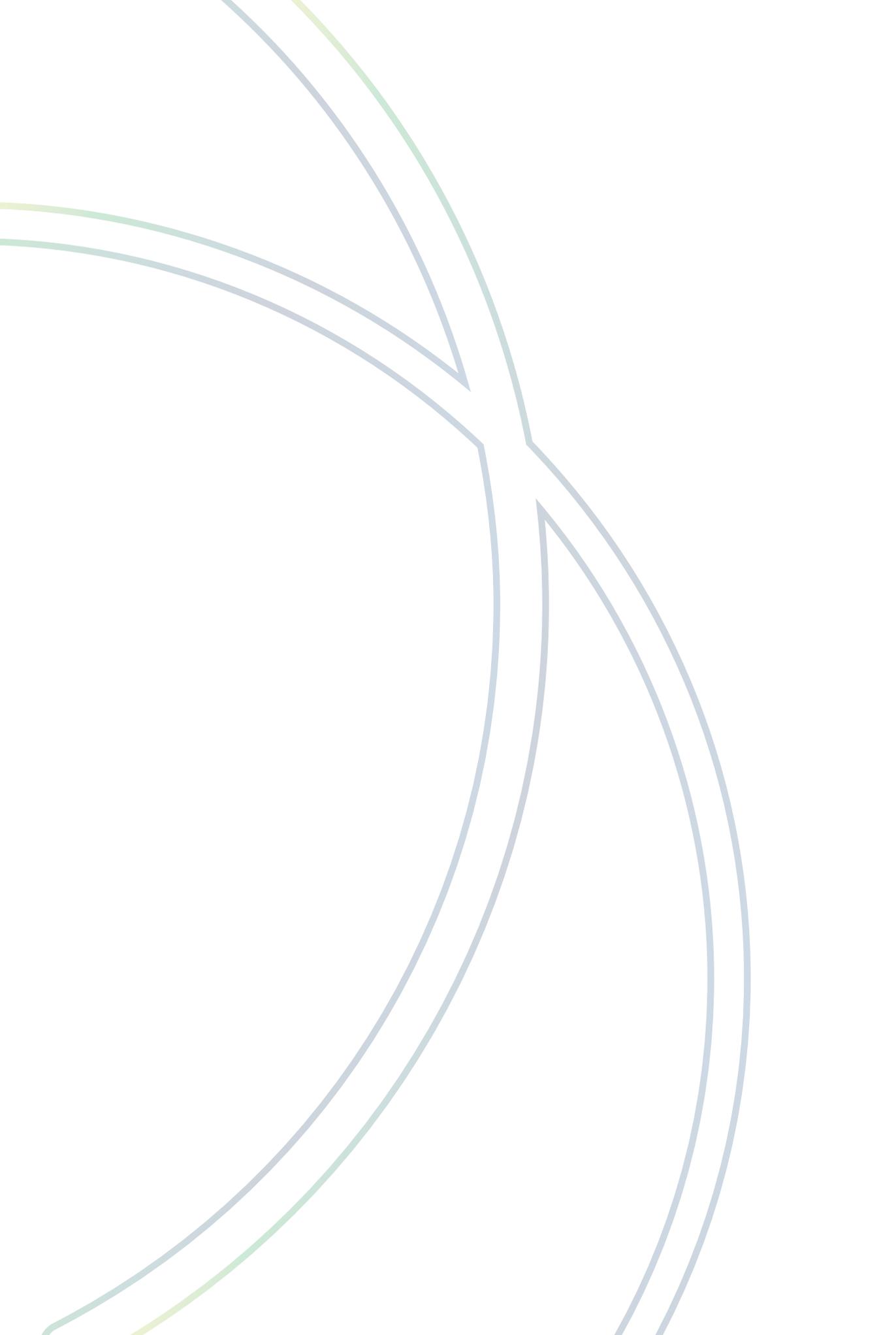
5. por fim, no eixo “Psicanálise extramuros/políticas públicas”, destaca-se a presença do psicanalista em espaços antes não pensados e que permitem a abertura de novos dispositivos clínicos adequados ao contexto social e às políticas públicas.

Entendemos que este projeto se faz relevante por reunir saberes diversos no contexto acadêmico e pela sua difusão do conhecimento científico para a sociedade e para o avanço teórico e clínico da Psicanálise.



Psicanálise, arte, literatura e cultura

Parte III



A escrita de si freudiana

A construção como memória

Valéria Machado Rilho
Laene Pedro Gama
Daniela Scheinkman

O interesse pelo tema nasce da prática psicanalítica de escuta do sujeito. Sujeito que se produz na construção de uma história singular, sempre ficcional, como nos demonstra a transferência, mas cuja narração somente adquire seu significado histórico no encontro com a história coletiva enquanto discurso de sua família, de seu povo, de sua cultura. O que um indivíduo teria a ver com uma história que não viveu? Como ele se inclui numa história que não é particularmente sua, mas a de seus antepassados, de seu povo, de seu país?

Se, assim como Gagnebin (1999), não definimos aqui o gênero de narrativa histórica nem o gênero de sujeito, quer seja, por exemplo, a narrativa épica ou o relato solitário no divã, é porque isso diz respeito aos fundamentos de nosso ponto de partida. A saber, há um núcleo narrativo comum entre a história real e a objetiva do acontecer histórico (*Geschichte*), a história conjectural da disciplina (*Historie*) e a história como narração (*Erzählung*). Longe de tomar essa homonímia como indicativa da trivial oposição entre histórias que seriam apenas versões dos fatos e a história que nos restituiria a verdade do passado, compartilhamos com a autora o interesse pelo que essa denominação comum encobre. Além disso, compartilhamos também com Gagnebin a convicção de que literatura e história (*Historie*) andam juntas; e, ainda, acrescentaríamos que isso pode servir para qualquer teoria, desde as teorias sexuais infantis (Freud, 1908) até as nossas mais complexas teorias científicas.

Isso não significa, de nossa parte, nem um relativismo resignado da ciência histórica nem a defesa de um realismo da literatura. Tal posição nos permite pensar o elo entre a ficção *de* um sujeito – no duplo sentido, de ficção produzida por um sujeito e de ficção que produz um sujeito – e a história coletiva. A concepção dessa relação testemunhada pela obra freudiana, notadamente em *Moisés e a religião monoteísta* (Freud, 1939), tem implicações éticas fundamentais na práxis psicanalítica.

Moisés não é qualquer texto; ele integra essa série de textos escritos no final da vida de Freud, na qual também estão inclusos: “Análise terminável e interminável” e “Construções em Psicanálise”. Por isso, é inevitável que procuremos ali não só algum tipo de testemunho mais singular, mas também algo como um legado do autor.

O homem Moisés, um romance histórico

“O homem Moisés, um romance histórico”, esse é o título do rascunho de *Moisés e a religião monoteísta* (Freud, 1939). É um texto híbrido, uma mistura de texto teórico e ficcional. Em sua face teórica, ele se insere na elaboração de uma teoria da paternidade. A teoria do Pai, em Freud, nos é apresentada por meio das construções da novela edípica, do mito do pai da horda primitiva e da verdade histórica de Moisés. Já a sua face ficcional surge a partir da ficção do Moisés egípcio, em oposição ao Moisés judeu da história bíblica. Mais propriamente, esse texto consiste num ensaio sobre a singularidade histórica do povo judeu através da atuação do personagem-Moisés; daí o título “O homem Moisés, um romance histórico”.

O homem Moisés, que para o povo judeu foi o libertador, o legislador e o fundador de sua religião, pertence a tempos tão remotos que Freud (1939) não pode se esquivar de uma pergunta prévia: ele foi uma personalidade histórica ou uma criação da saga?

A hipótese freudiana pauta-se na questão de que Moisés era um egípcio, fervoroso discípulo da religião de Aton, uma crença monoteísta que fora rigidamente imposta como a religião oficial do Egito pelo faraó Amenófis IV, autodenominado Aquenáton (*Akhenaton*). Com sua morte, o politeísmo egípcio fora restabelecido com a mesma força que havia sido suprimido. Como ardoroso monoteísta que era, a saída do Egito fora a única maneira encontrada por Moisés para preservar sua religião; liderando uma multidão de escravos semitas que viviam em solo egípcio, escolhidos como seu novo povo, saiu em busca da terra Prometida. Foi somente sob essa condição, a de ser aquele que transmitiu uma herança, que Moisés foi reconhecido *a posteriori* como o Pai que transmite a palavra divina pelo povo – o qual veio a ser mais tarde conhecido como povo judeu. Porém, conjectura Freud, isso não se deu de pronto.

Foram necessários 40 longos anos (uma geração) de errância pelo deserto. Moisés teria sido morto pelo grupo que liderava, e somente após decorrido o tempo de errância – na dupla acepção de peregrinação pelo deserto e idolatria de deuses pagãos – sobreveio a culpa pelo ato cometido e o amor pelo Pai, só agora reconhecido como tal. Somente então, como retorno do recalçado (ato de assassinato), a religião mosaica monoteísta teria sido adotada pelos, agora, judeus como herança de Moisés. Portanto, assim como Moisés foi reconhecido como Pai e fundador da religião apenas *a posteriori*, no tempo do retorno do recalçado, o povo judeu, herdeiro da religião mosaica, só veio a ser nomeado como “povo judeu” *a posteriori*. Antes disso, era uma mistura dos escravos semitas vindos do Egito com outros povos do deserto que foram se juntando a eles.

Essa é basicamente a história construída por Freud. Com o propósito de inserir a figura de um Moisés egípcio dentro da trama da história judia, o autor segue os principais elementos da história “oficial”, tal qual ela nos foi legada pela tradição. O resultado é que a narrativa de Freud reconta a história, instaurando uma espécie de Outra cena.

Tudo o que se segue após o assassinato de Moisés egípcio, ou seja, o longo tempo do êxodo no deserto, desemboca num efeito de desdobramento: duas massas de povo, conjugadas para formar a nação; dois reinos em que essa nação se fragmenta; dois nomes de Deus nas fontes escritas da Bíblia; dois fundadores de religião, ambos chamados Moisés, embora com personalidades diversas. Todas essas dualidades são consequências necessárias da primeira: inicialmente, havia dois povos no deserto, mas somente um deles havia tido a vivência traumática do assassinato de Moisés, ao qual o outro povo era alheio.

Aqui precisaremos fazer um parêntese. Essa duplicação insiste na obra freudiana, mas teve destaque em *Totem e tabu* (Freud, 1912-1913), no qual Moisés é uma espécie de sequência, sob o título de ambivalência de sentimentos, descoberta por Freud na relação dos homens ao sagrado e ao pai. O autor concluiu que, a partir da morte de um ente querido, a humanidade inventou as representações que passaram a povoar seu imaginário: os maus espíritos, os demônios, mas também os espíritos ancestrais, os deuses. A culpa que hoje acompanha o luto do neurótico seria, assim, o resquício da intensa ambivalência de sentimentos (amor/ódio) vivenciada pelo homem primitivo na ocasião da morte da pessoa amada. Junto à dor lutosa, surge um intenso desejo de morte, o qual é projetado para o morto; a ambivalência do enlutado é então exteriorizada, dando lugar ao mundo das almas e espíritos.

“Ambivalência” é uma expressão que insiste na obra freudiana e que aparece sempre ligada ao pai ou a seus representantes, como é passível de análise nos casos mais conhecidos: o pai do Complexo de Édipo da infância; o Totem, assim como seus preceitos-tabu; o Deus do Monoteísmo. Sobre isso, Didier-Weill esclarece:

[...] *Totem e tabu* não estava organizado em torno do afeto introduzido pelo sagrado, mas pelo reconhecimento de um significante (o significante do Nome-do-Pai) [...] Freud colocou a dimensão de um dualismo afetivo – a ambivalência – em substituição a um dualismo topológico: execração pelo demônio e veneração pelo ancestral são apenas, nesse sentido, efeitos induzidos no sujeito pelo significante do Nome-do-Pai conforme este resida no real ou no simbólico (Didier-Weill, 1994, p. 152).

Com isso, concluímos que a ambivalência de sentimentos seria apenas sucedânea de uma ambivalência intrínseca ao significante e à formação do simbólico, como Freud (1910a) já havia apontado nos estudos do linguista Abel sobre as línguas antigas. Nestas, uma mesma palavra expressava sentidos opostos, como claro-escuro, forte-débil, grande-pequeno. Na língua do Egito antigo, por exemplo, a palavra *ken* significava originariamente forte e débil. Duplicamos o real, observa Costa (2003), porque a diferenciação por oposição é condição primária do jogo simbólico. A diferenciação por pares opositivos está na base de

ossos sistemas representacionais, comentava Lacan (1953-1954) a propósito dos jogos de ocultação de crianças muito pequenas, antes mesmo da aquisição do domínio da linguagem e da introdução ao “não!”. Mas a seu modo, Freud (1912-1913) já dizia isso quando observava que, diante do cadáver da pessoa amada, o homem construiu o pensamento, mais especificamente o sistema animista de pensamento, que posteriormente se desdobrou no pensamento religioso e depois no científico. Precisou duplicar o mundo, fazendo dele um espelho de sua ambivalência de sentimentos.

Fechando o parêntese, para que o assassinato de Moisés despregasse todos esses duradouros efeitos, era preciso que ele fosse um “grande homem”, o que para Freud não significava um homem de feitos heroicos, mas um homem que estivesse em condições de evocar um que teria existido em tempos imemoriais. Só alguém que estivesse numa condição estrangeira poderia estar apto a tal papel: o Moisés egípcio.

Segundo Certeau (2002), à diferença da historiografia, que produz um outro lugar (o passado, a tradição) diferente do presente no qual se autoriza, Freud transforma o discurso da história numa escrita deslocada, num romance. Mas isso

não cria outro lugar, não coloca o romance num outro campo do que o da história; não obedece à lei da espacialização que persegue a alteridade fora [...] Freud reintroduz o outro no lugar. É o Moisés egípcio. É também o romance histórico (Certeau, 2002, p. 333).

A construção como verdade histórica

Ao longo de *Moisés*, Freud (1939) se detém por muito tempo na busca da confirmação histórica de seu Moisés egípcio. Qual seria o interesse disso? Para que lhe serviria demonstrar a veracidade histórica de sua hipótese? Por que uma construção surgiria como verdade histórica e não como uma ficção qualquer?

Em “Construções em análise”, texto contemporâneo de *Moisés*, Freud (1937) já havia definido a construção como uma tarefa do analista de resgatar o esquecido a partir de seus indícios tal qual um arqueólogo, na medida em que esse esquecido não podia ser lembrado, precisava ser construído. Ele observava que a restituição pelo analista de um fragmento esquecido da história do analisante despertava neste, ao invés de uma recordação do esquecido, uma recordação (ou cena) encobridora, que mais se assemelhava a uma alucinação, a um sonho e, até mesmo, a um delírio pelo seu caráter plástico e de crença em sua atualidade:

assim como nossa construção produz seu efeito por restituir um fragmento de biografia (*Lebensgeschichte*, “história objetiva de vida”) do passado, assim também o delírio deve sua força de convicção à parte de verdade histórico-vivencial que põe em seu lugar da realidade recusada (Freud, 1937, p. 270).

Freud (1899) descobriu que tais cenas encobridoras deviam seu valor mnêmico não a seu conteúdo próprio, senão a seu vínculo com um conteúdo sufocado; no lugar deste é fabricada uma fantasia que se funde a uma cena infantil. Na medida em que uma cena infantil só pode ser recordada sob a condição de se ligar a uma fantasia que a encobre, é possível considerar que toda recordação de infância é uma recordação encobridora:

nossas recordações da infância nos mostram os primeiros anos de vida não como foram, senão como apareceram em tempos posteriores de despertar. Nestes tempos do despertar, as recordações de infância não *afloraram*, como se pode dizer, senão que nesse momento foram *formadas* (Freud, 1899, p. 315).

Portanto, as recordações infantis não são repetições de uma vivência que ficou fixada na infância, como o são as recordações conscientes da maturidade; as lembranças da infância são recolhidas, alteradas e falseadas, postas a serviço de tendências em épocas mais tardias, de modo que “não é possível diferenciá-las com rigor de algumas fantasias” (Freud, 1901, p. 78). As vivências da tenra infância – o chamado “infantil” ou inconsciente – não serão nunca recordadas, a não ser em sonhos, ou lembranças encobridoras, ou mesmo decifradas em análise sob os sintomas do adulto. Isso levou Freud (1917a) a concluir que essas cenas infantis nem sempre são verdadeiras; e na maioria dos casos elas estão em oposição direta à verdade histórica. Essa espécie de fantasiar retrospectivo, ao aproximar a fabricação de uma lembrança infantil à criação literária, acabaria por colocar em suspenso a autenticidade da narrativa histórica: “toda vez que um homem informa sobre o passado, ainda que se trate de um historiador, devemos levar em conta o que inadvertidamente põe nele desde o presente ou de épocas intermediárias, falseando assim sua imagem” (Freud, 1917b, p. 306).

De forma análoga, as lembranças da infância dos povos, preservadas nas lendas e mitos, são equivalentes às lembranças da infância/lembranças encobridoras dos indivíduos (Freud, 1901, p. 52). Apesar de todas as desfigurações e mal-entendidos, a realidade do passado está presente nas sagas e tradições da pré-história de um povo, são o que este tem plasmado com as vivências de sua época primordial. Se alguém pudesse desfazer essas desfigurações, descobriria a verdade histórica sob esse material fabuloso e o mesmo vale para as recordações da infância ou fantasias dos indivíduos (Freud, 1910).

Até este ponto, compreendemos que a religião de Moisés produzira seu efeito sobre o povo judeu somente na qualidade de tradição. A religião mosaica havia inicialmente sido suprimida após o assassinato de Moisés, mas irromperia como tradição aproximadamente duas gerações depois com uma força avassaladora a ponto de fazer da religião monoteísta uma crença universal. Mas por que razão ela não ficou restrita ao povo judeu? Segundo os crentes, a ideia de um Deus único teria se imposto com tal força porque ela contém um fragmento da verdade eterna. Também Freud crê que ali se encontra a verdade; porém, não a verdade material, mas a verdade histórica-vivencial: “não cremos que hoje exista um único grande deus, senão que em tempos primordiais houve uma única pessoa que então deveu

aparecer hipergrande, e que depois retornou na recordação dos seres humanos enaltecida à condição divina” (Freud, 1939, p. 124).

Na vida mental de um povo, a tradição seria uma espécie de herança arcaica que conteria os traços mnêmicos de acontecimentos da infância desse povo: “os precipitados psíquicos daqueles tempos primordiais haviam se tornado patrimônio hereditário: em cada geração só era necessário que despertassem, não que fossem adquiridos” (Freud, 1939, p. 128). Sabemos que aqui Freud tem em mente a façanha cometida contra o pai da horda primitiva, construção mítica que dá sustentação a questões de grande relevância na teoria freudiana.

Em *Totem e tabu* (1912-1913), a partir de pesquisas antropológicas sobre o totemismo, o autor se vê levado a concluir que, num tempo imemorial, havia o chefe da horda, que gozava de poderes ilimitados sobre os demais, inclusive no que dizia respeito às mulheres. Em certa ocasião, um grupo de revoltosos assassinou o chefe temido e odiado. Passado algum tempo, o ódio cedeu espaço a um sentimento ambivalente em relação a ele, e assim emergiu a culpa, recalçando o ato cometido e substituindo o ódio pelo amor. Elegeram um totem, símbolo de uma ancestralidade comum, ao qual todos deviam respeito e adoração. Doravante, este seria o guardião das leis e regras de convivência social a fim de manter unida a fratria. Dentre as leis estabelecidas, as mais importantes eram a exogamia e a proibição de matar. A única exceção à lei de não matar acontecia nas ocasiões festivas, como o banquete totêmico, ritual no qual o clã fraterno matava o totem e o devorava numa espécie de repetição e “co-memoração” do ato originário.

Como podemos observar, a construção do Moisés freudiano está assentada sobre o mito do pai da horda. Porém, o assassinato de Moisés não se resume a ser mais um na série de assassinatos a recordar a façanha do tempo primordial. Algo novo se produz, uma nova forma de relação ao pai. Em tempos primevos, anteriores ao monoteísmo, a instauração do mundo simbólico e cultural era efetuada através da sacralização de funções sociais (reis, líderes), dos objetos (sol, astros), e do corpo (iniciação sexual, mulher menstruada). O caráter sagrado era-lhes atribuído através de rituais sacrificiais e colocava-os num lugar diferenciado de exceção. No entanto, esse efeito de alteridade se gastava com o decurso temporal, o que requeria, de tempos em tempos, um novo ritual sacrificial. Com a instauração da crença no Um monoteísta, produz-se uma mudança radical na subjetividade. A relação, que até então era corporal via incorporação (primeira identificação, descrita por Freud, 1921), é substituída pela relação a um traço simbólico do pai, sua religião (segunda identificação). Lembrando que a primeira identificação é com o Pai, imagem ideal, que conserva sua potência; enquanto a segunda identificação (ao traço simbólico) decorrente de um luto, pressupõe uma ausência do Pai. Além disso, as formações sociais (rituais coletivos) são substituídas pelas formações individuais (a crença monoteísta e o sintoma neurótico). Portanto, a força avassaladora da crença monoteísta que impulsionou sua expansão universal adveio da confluência desses dois elementos: corpo e símbolo; ou, para dizer de outro modo, origem e herança.

A construção freudiana de Moisés, ao duplicá-lo (Moisés egípcio ou Moisés judeu), desloca o enigma da origem da paternidade para o problema da herança: ora a herança

é representada por uma marca corporal (circuncisão), ora por um produto cultural (a religião). A persistência da interrogação indica-nos que as condições de transmissão de uma filiação não se resolvem na referência exclusiva a uma dessas vias: nem por uma herança real (a marca corporal da circuncisão indicando uma filiação como nas relações consanguíneas, por exemplo), nem por uma herança simbólica, ou seja, a religião como transmissão de uma filiação ligada à fé em uma representação (Costa, 2001). Se não se consegue encontrar a “pureza” de nenhuma dessas vias, como então pensar na construção como verdade histórica?

Talvez o determinante aqui seja a possibilidade da produção de um marco – um ponto de parada, não importa se de partida ou de chegada – a partir do qual uma história possa ser contada como legítima, sendo possível transmiti-la (Costa 2001, p. 160).

A escrita de si freudiana

“Tirar de um povo o homem a quem honra como o maior de seus filhos não é algo que se emprenda com gosto ou levemente, e menos ainda se esse alguém pertencer a esse povo” (Freud, 1939, p. 7). É com esse tom que Freud abre *Moisés e a religião monoteísta*.

Ao leitor de Freud, acostumado com sua primorosa escrita, impressiona a organização caótica e excêntrica desse texto de caráter único no conjunto de sua obra. Compõe-se de três ensaios muito diferentes em extensão. No terceiro deles, há duas advertências no começo; na metade, um resumo, além de recapitulações e repetições ao longo do texto. O próprio autor observa tais irregularidades e se desculpa ante o leitor mais de uma vez. Confidencia sua dúvida em publicar o texto, temendo represálias da Igreja Católica, a qual, na ocasião, detinha importante papel no governo austríaco. Em Londres, encontrou a tranquilidade e o acolhimento necessários para concluir o terceiro ensaio, quando fugiu da ocupação nazista de Viena. A que atribuir tal ausência de rigor em sua apresentação? À situação política adversa? Mas como explicar o fato de que isso não tenha se repetido nos demais textos da mesma época? Freud afirma temer que a publicação de *Moisés* viesse a inviabilizar a prática psicanalítica em sua terra natal.

Não ignoramos que *Moisés* é duramente criticado e desprezado, explicitamente em virtude de sua pedra fundamental, qual seja, o assassinato de Moisés. Contudo, a intolerância visceral por ele despertado, segundo Melman (2000), não reside no ato de assassinato em si, mas nas consequências de sua aceitação. A admissão de tal hipótese traz consigo outra ainda mais letal: a de que o laço sagrado (a religião) que une os filhos ao Pai serve apenas para mascarar a radical alteridade do Pai. É a crença e o amor ao Pai (a religião) que transformam isso que seria apenas um efeito de linguagem (o lugar simbólico do Outro) num Pai idealizado que ama seus filhos e que permite que estes se reconheçam como irmãos no amor ao Pai. É a ficção em comum de uma mesma versão

de Pai que possibilita que o outro se torne um semelhante a quem é possível se identificar, tese sustentada em *Psicologia das massas e análise do Eu* (Freud, 1921).

Eis aí o insuportável do “Complexo de Moisés freudiano”, termo cunhado por Melman (2000): tirar o Pai de um povo é o mesmo que tirar a identidade de um indivíduo consigo mesmo, colocando-o frente ao estranho perseguidor no lugar do semelhante. Se assim não fosse, qual seria a razão do mandamento cristão do amor ao próximo? Pergunta-se Freud (1930).

Moisés e a religião monoteísta é um dos textos derradeiros do pai da Psicanálise. Completa a trilogia freudiana sobre a paternidade, deslocando a pergunta sobre o que é um pai: o pai não se define na origem, mas pelo que ele deixa como legado. Isso serve tanto para Moisés e os judeus como para Freud e os psicanalistas. Ambos deixaram seu legado: a religião monoteísta e a Psicanálise, respectivamente. Moisés somente é o pai dos judeus porque eles adotaram sua religião. Da mesma forma, Freud somente é o fundador da Psicanálise porque ela foi adotada pelos que vieram a se reconhecer na filiação de seu ensino.

Nossa hipótese é de que Freud (1939), em seu processo de escrita de seu *Moisés*, sofre o mesmo efeito de divisão que ele produz na história de Moisés que nos foi legada. Freud tanto é aquele que narra a história e tira o pai de um povo, como também é aquele que é narrado por essa história, na qualidade de judeu que era. Embora Freud fosse um judeu assimilado que buscava se integrar à sociedade gentia, conforme a proposta política alemã do século XIX, a perseguição aos judeus praticada pelo nazismo também o ameaçava, impondo-lhe o exílio tal como sucedeu ao povo judeu e seu libertador Moisés. Ali também ele se vê desamparado; e Freud sabia que a força propulsora da criação de versões ficcionais do pai residia na condição humana do desamparo, era uma reação a essa condição. Ante à ausência (morte) ou à falta do Outro, o sintoma (a religião e, depois, o sintoma neurótico) constrói uma versão de um Pai que ampara o sujeito em seu desamparo. Nisso reside, em nossa perspectiva, a implicação ética de cada sujeito no sintoma do qual ele se queixa.

Arriscaríamos dizer que, na experiência de escrita, também Freud perde um pai, o que lhe permite se alçar no lugar de um pai que tem um legado a transmitir: a Psicanálise. Nesse sentido, esse texto adquire a força de um testemunho. Foi na travessia do exílio que Freud na condição de judeu/estrangeiro pôde retomar sua posição enunciativa e se decidir pela publicação de seu *Moisés*.

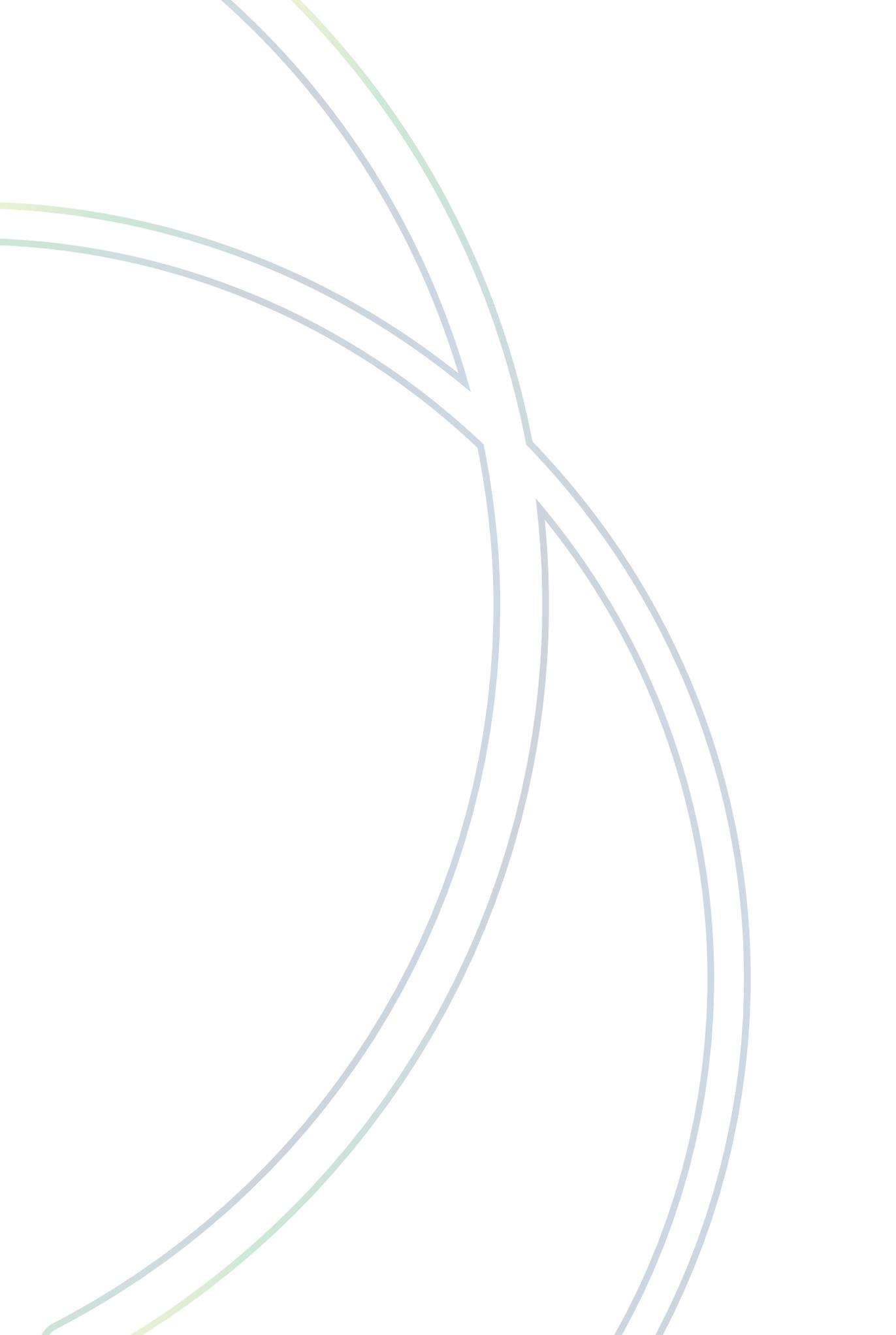
Referências

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

COSTA, Ana. *Corpo e escrita: relações entre memória e transmissão da experiência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIDIER-WEILL, A. *Inconsciente freudiano e transmissão da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. (Coleção Transmissão da Psicanálise, 6).

- FREUD, Sigmund. Moisés y la religión monoteísta (1939). In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1988. v. 23.
- FREUD, Sigmund. *Construcciones en el análisis* (1937). v. 23.
- FREUD, Sigmund. *El malestar en la cultura* (1930). v. 21.
- FREUD, Sigmund. *Psicología de las masas y análisis del yo* (1921). v. 18.
- FREUD, Sigmund. *23ª conferencia*. Los caminos de la formación de sintoma (1917a). v. 16
- FREUD, Sigmund. *21ª conferencia*. Desarrollo libidinal y organizaciones sexuales (1917b). v. 16.
- FREUD, Sigmund. *Tótem y tabú* (1912-1913). v. 13.
- FREUD, Sigmund. *Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci* (1910). v. 11.
- FREUD, Sigmund. *Sobre el sentido antitético de las palabras primitivas* (1910).
- FREUD, Sigmund. *Psicopatología de la vida cotidiana* (1901). v. 6.
- FREUD, Sigmund. *Sobre las teorías sexuales infantiles* (1908). v. 9.
- FREUD, Sigmund. *Sobre los recuerdos encubridores* (1899). v. 3.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- LACAN, Jacques. *O seminário: os escritos técnicos de Freud – livro 1* (1953-1954). Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- MELMAN, Charles. [Entrevista] entrevista com Charles Melman. O complexo de Moisés. *Correio da APPOA*, Porto Alegre, n. 79, p. 51-57, 2000.



Sobre os autores e organizadores

Alessandra Carvalho Vieira da Silva. Psicóloga e Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: alessandravcs@gmail.com

Alexandre Staerke Vieira de Rezende. Psicólogo clínico familiar sistêmico. Mestrando pela Universidade de Brasília (UnB). Gestor em Políticas Públicas do DF. Especialista em Psicologia Clínica e em Gestão Governamental. Contato: alexandre.staerke@gmail.com

Aline Vidal Varela. Psicóloga e Psicanalista. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: alinevidalpsi@gmail.com

Alvinan Magno Lopes Catão. Psicólogo. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: alvinanmagno@gmail.com

Amanda Soares Dias. Psicóloga da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: diasam.asd@gmail.com

Ana Giulia de Araújo Conte. Psicanalista. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPGpsiCC) pela Universidade de Brasília. Especialista em Teoria Psicanalítica pela Faculdade Inspirar. Contato: giulia_conte@hotmail.com

Ana Isabel Pereira. Psicóloga pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-graduada em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Contato: anaisabelpsi@outlook.com

Antônio Trevisan. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Contato: netogarcia8@gmail.com

Carla Sabrina Xavier Antloga. Doutora pela Universidade de Brasília (UnB). Professora Associada do Departamento de Psicologia Clínica (PCL) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB), Coordenadora do Grupo de Estudos em Psicodinâmica do Trabalho Feminino (Psitrafem). Contato: antlogacarla@gmail.com

Cintia da Silva Lobato Borges. Psicóloga e Psicanalista. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: cintialobato@yahoo.com.br

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato. Psicanalista. Mestre e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Bolsista da FAP-DF. Membro do Laço Analítico – Escola de Psicanálise, Varginha (MG). Contato: claudia.beato1@gmail.com

Daniela Scheinkman Psicanalista. Doutora em Filosofia e Mestre em Psicanálise pela Université de Paris 8. Professora Titular do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Membro do GT da ANPEPP: *Psicanálise, Clínica e Política*. Pesquisadora do CNPq com o projeto: *Temporalidade e elaboração do sofrimento psíquico na pandemia da covid-19: corpo e trauma na psicanálise*. Contato: daniela.scheinkman@gmail.com

Eduardo Ribeiro Vasconcelos. Psicólogo da Diretoria de Serviços de Saúde do Superior Tribunal Militar. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: eduardo_vasconcelos82@hotmail.com

Eduardo Portela. Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: eduardopnb@gmail.com

Eliana Rigotto Lazzarini Psicanalista. Doutora e Mestre em Psicologia (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Membro do GT em Psicanálise e Clínica Ampliada da ANPEPP. Pós-doutora pela Université Sorbonne Paris 13 (França). Contato: elianalazzarini@gmail.com

Elzilaine Domingues Mendes. Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB) com Estágio Doutoral na Université Lumière Lyon II. Professora Associada do curso de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Contato: elzilaine_mendes@ufcat.edu.br

Fabrcio Gonalves Ferreira. Psic3logo. Mestrando do Programa de P3s-Gradua3o em Psicologia Cl3nica e Cultura da Universidade de Bras3lia (PPGpsiCC-UnB). Membro da Articula3o Nacional de Psic3logas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) (ANPSINEP-DF). Contato: fabricioferreira.psicologia@gmail.com

Fernanda Guerra Roman N3ufel do Amaral. Psic3loga. Licenciatura em Filosofia pela Universidade de Bras3lia (UnB) e p3s-graduanda em Psican3lise com Crianas e Adolescentes pelo Instituto de Ensino Superior em Psicologia e Educa3o (ESPE). Contato: ssvnta@gmail.com

Guilherme Henderson. Psicanalista. Doutor em Psicologia Cl3nica e Cultura pela Universidade de Bras3lia (PPGpsiCC-UnB). Professor do Centro Universit3rio de Bras3lia (UniCEUB). Membro da Associa3o Lacaniana de Bras3lia (ALB). Contato: guilhermefh@gmail.com

Hugo Martins Gomes da Silveira. Psic3logo pela Universidade de Bras3lia (UnB). Pesquisador de Percep3o de Qualidade em Presta3o de Servios. Pesquisador de Sa3de Mental e Cultura. Contato: hugomgs11@gmail.com

Igo Gabriel dos Santos Ribeiro. Psic3logo. Mestre em Psicologia e Sociedade (UNESP). Doutorando pelo Programa de P3s-Gradua3o em Psicologia Cl3nica e Cultura da Universidade de Bras3lia (PPGpsiCC-UnB). Membro do Instituto AMMA Psique e Negritude e da Articula3o Nacional de Psic3logas(os) Negras(os) e Pesquisadores. Contato: igoribeiro@gmail.com

Ingrid Fernandes dos Santos. Psic3loga pela Universidade de Bras3lia (UnB). Mestranda em Psicologia Cl3nica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Bras3lia. Contato: ingridfernandes2628@gmail.com

Ingrid Mello Pereira Soti. Psic3loga. Educadora em Diabetes pela Associa3o Nacional de Aten3o ao Diabetes (ANAD). Mestranda do Programa de P3s-Gradua3o em Psicologia Cl3nica e Cultura na Universidade de Bras3lia (PPGpsiCC-UnB). Contato: ingridsoti.psi@gmail.com

Isadora Fane Carvalho e Silva Lustosa. Psicanalista. Bacharelado em Psicologia pela Universidade Funda3o Mineira de Educa3o e Cultura (FHC/FUMEC). Membro da Escola de Psican3lise dos F3runs do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do F3rum do Campo Lacaniano de Bras3lia. Contato: isafane.c@gmail.com

Jean-Michel Vivés. Psicanalista e Professor de Psicopatologia Clínica da Université Côte d'Azur (Nice, França). Membro do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (seção Rio de Janeiro). Contato: jeanmichelvives@gmail.com

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa. Psicanalista e Psicóloga. Mestre em Letras e Artes (UEA). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: jessicancpedrosa@gmail.com

Joyce Juliana Dias de Avelar. Psicóloga. Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: joyce.avelarpsi@gmail.com

Juliano Moreira Lagoas. Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professor de Psicologia do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Contato: julianolagoas@hotmail.com

Laene Pedro Gama. Psicanalista. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Psicologia pela École doctorale Sociétés, Humanités, Arts et Lettres da Université Côte d'Azur (França). Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela UnB (PPG-PSICC). Contato: laenegama@gmail.com

Lara Gabriella Alves dos Santos. Psicóloga. Doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Contato: laragabriellapsi@hotmail.com

Katia Cristina Tarouquella Brasil. Psicanalista. Doutora em psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Pesquisadora associada da Universidade de Rouen (França) e membro da Associação Internacional de Psicodinâmica do Trabalho. Contato: ktarouquella@gmail.com

Márcia Cristina Maesso. Psicanalista. Doutora e Mestre pelo Instituto de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano-EPFCL-Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Membro do GT da ANPEPP: Psicanálise, Clínica e Política. Contato: maessomc@gmail.com

Marco Antônio Coutinho Jorge. Psiquiatra e Psicanalista. Professor associado e Procientista do Departamento de Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Diretor do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (seção Rio de Janeiro). Membro da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise (Paris, França). Membro da Association Insistance (Paris). Contato: macjorge@corpofreudiano.com.br

Melissa Souza Silva. Psicóloga Clínica. Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Associada ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise (Núcleo Brasília). Pós-graduada em Psicopatologia, Psicanálise e Clínica Contemporânea e Fundamentos da Psicanálise: teoria e clínica. Pesquisadora da saúde mental de mulheres e pessoas pretas. Contato: melissasouza.psicologia@gmail.com

Muriel Romeiro da Costa e Silva. Psicóloga. Mestre em Psicologia (UFG). Doutoranda em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica (PPG-PsiCC) e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: murielrcosta.silva@gmail.com

Nelson de Abreu Júnior. (*in memoriam*). Foi psicanalista e psicólogo. Mestre em educação pela Universidade de Havana. Doutor em educação pela Universidade de Brasília (UnB) e professor titular na Universidade Estadual de Goiás (UEG), até a data de seu falecimento em 2021, decorrente da covid-19.

Patrícia da Cunha Pacheco. Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: ppacheco.psicanalise@gmail.com

Renato Palma. Psicólogo e Psicanalista. Doutor em Psicologia pela École Doctorale Sociétés, Humanités, Arts et Lettres na Université Côte d'Azur (França); doutor e mestre em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e especialista em Psicanálise e Saúde Mental pela mesma universidade. Analista membro do Corpo Freudiano - escola de psicanálise (seção Rio de Janeiro). Atua como professor, supervisor clínico e psicanalista.

Roberto Medina. Doutor em Teatro e Literatura (Póslit-UnB) e Doutorando em Psicanálise (PPG-PsiCC-UnB). Tradutor, escritor, dramaturgo, crítico de teatro, de literatura e de cinema e diretor de teatro. Contato: prof.medina@gmail.com

Samuel Ted Almeida de Pereira. Psicólogo de um Serviço de Acolhimento Institucional em Residência Inclusiva de Unaí/MG, Psicanalista e Trabalhador do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB). Contato: samueltedpereira@gmail.com

Valéria Brisolara. Doutora em Letras (PPGLetras-UFRGS). Professora da Universidade do Vale do Rio do Sinos (UNISINOS). Tradutora Pública e Intérprete Comercial do Estado do Rio Grande do Sul (JUCIS-RS) e membro da Associação de Tradutores Juramentados do Estado do Rio Grande do Sul (ASTRAJUR-RS) e da ABRATES (Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes). Contato: valeriabrisolara@gmail.com

Vanessa Correa Bacelo Scheunemann. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB). Mestre em pela Universidad Kennedy de Buenos Aires (Argentina). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Contato: vcbscheunemann@gmail.com

Valéria Machado Rilho. Psicanalista. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB) Mestre e Doutora em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Contato: valrilho@gmail.com

Vitor Luiz Neto. Psicólogo Clínico. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professor substituto no departamento de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Pesquisador em Psicanálise e Cultura e em Psicologia Social Crítica. Contato: vitorluiz.neto@gmail.com

A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

INTERFACES EM PSICANÁLISE

Subjetivações e Cultura

O livro surge do trabalho de pesquisa do Laboratório de Psicanálise e Subjetivação do PPG-PsiCC da Universidade de Brasília, que culmina no desejo de aprofundar na leitura psicanalítica contemporânea do sofrimento psíquico. O discurso analítico toma a linguagem como possibilidade de construção de novas narrativas e tem como compromisso ético-político transmitir e promover debates sobre o mal-estar na atualidade. O livro divide-se em cinco eixos-temáticos: “Psicanálise e parentalidade”: abordamos a elaboração psíquica e a construção de estratégias dadas pelas mulheres, uma a uma, frente à maternidade, além de costurar a concepção da parentalidade à clínica analítica; “Psicanálise e relações raciais”: propomos pesquisas sobre o sofrimento sociopolítico e suas consequências para a subjetividade dos sujeitos negros; “Psicanálise, arte, literatura e cultura”: trabalhamos a articulação entre psicanálise e arte, pensando a arte estruturada como uma linguagem do inconsciente, este, por sua vez, também estruturado como uma linguagem; “Psicanálise e trabalho feminino”: busca-se promover reflexões referentes à associação da subjetividade com as relações de gênero e trabalho, além de construir paradigmas que repensem as relações de trabalho e feminilidade; “Psicanálise extramuros/políticas públicas”: destaca-se a presença do psicanalista em espaços antes não pensados e que permitem a abertura de dispositivos clínicos adequados ao contexto social e às políticas públicas.

EDITORA



UnB



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia